****

**OS (DES)PRAZERES DA LOMBA DAS GATAS: as representações da maior zona do meretrício do Vale do Paranhana (Rio Grande do Sul, décadas de 1970 e 1980)**

Daniel Luciano Gevehr[[1]](#footnote-1)

**Resumo:** O artigo analisa as imagens e representações construídas sobre as mulheres inseridas no contexto da prostituição, tendo como recorte espacial o meretrício de Taquara, município localizado no Vale do Paranhana, RS. A partir desse recorte - o espaço urbano de Taquara nas décadas de 1970 e 1980 - procuramos discutir os elementos simbólicos que envolveram a construção de imagens e idealizações sobre as personagens, seu contexto e também sobre a dinâmica que envolveu seu cotidiano. Pretendemos com isso discutir como a imprensa foi um elemento fundamental na dinâmica de construção das representações sociais sobre as mulheres inseridas no contexto do meretrício e como o jornal foi responsável pela difusão de determinadas imagens sobre o lugar e suas personagens no imaginário da cidade.

**Palavras-chave:** Mulheres do meretrício; Imigração Alemã; Imprensa; Gênero.

**Introdução**

Buscamos compreender o papel desempenhado pela imprensa, enquanto veículo de difusão de representações sociais sobre a *zona do meretrício,* localizada no município de Taquara (RS)[[2]](#footnote-2). Para tanto, nos valemos das publicações realizadas pelo Jornal *PANORAMA,* no período compreendido entre as décadas de 1970 e 1980, período em que se verifica uma preocupação significativa por parte da imprensa em publicar notícias sobre o meretrício da cidade.

A *zona,* como era conhecido o espaço em que se localizavam as casas de diversão e prostituição da cidade de Taquara, tem sua origem ainda nas primeiras décadas do século XX. Esse espaço recebeu por parte dos moradores da cidade, também outras alcunhas, como “maloca” ou “lomba das gatas”, sendo essas denominações mais conhecidas entre o público masculino que frequentava o local. O meretrício de Taquara e seu conjunto de estabelecimentos acabaram, com isso, chamando a atenção dos moradores da região, devido ao expressivo movimento que observava no lugar e que ao mesmo tempo, despertava a atenção das autoridades e de alguns grupos sociais, descontentes com aquele espaço.

Sobre as mulheres que atuavam na *zona,* sabemos que eram originárias de vários locais do estado, uma vez que essas mulheres eram atraídas pelo trabalho que poderiam desempenhar nas casas do meretrício da cidade. Sabe-se, ainda que, muitas mulheres ainda jovens da região, também acabavam buscando na zona do meretrício uma opção de trabalho e até mesmo de casamento. Essas situações, como o casamento, fazia com que muitas mulheres jovens fossem “retiradas” da prostituição, assumindo novos papéis sociais, como os de esposa, mãe e até mesmo de *dama da sociedade.*

O meretrício da cidade era frequentado por pessoas de diferentes localidades da região, que lá buscavam não apenas os prazeres sexuais, mas também a diversão com as várias apresentações artísticas que eram realizadas por inúmeras celebridades do mundo artístico. Com isso, o meretrício não era local apenas de prostituição, mas também um *lugar* frequentado por diferentes grupos sociais que lá buscavam diversão e entretenimento.

O meretrício, além de sua representação associada diretamente à prostituição – caráter reforçado pela imprensa local - também desempenhava um papel de lugar da sociabilidade de muitos indivíduos – em espacial dos homens - da sociedade taquarense. Esse caráter de sociabilidade se evidencia, na medida em que notamos a presença de artistas de renome nacional no palco dos estabelecimentos da z*ona*.

Assim, muitas pessoas e até mesmo muitos casais, se dirigiam até as casas do meretrício onde se realizavam essas apresentações para prestigiar esses artistas. Como exemplo, podemos citar as apresentações de cantores como Ângela Maria e Nelson Gonçalves, que estiveram na boate *Apollo 11*, uma das maiores e mais famosas casas localizadas no meretrício.

Partindo da ideia de que o Jornal *PANORAMA* desempenhou papel preponderante na difusão de representações sobre o meretrício de Taquara, precisamos inicialmente discutirmos o que estamos entendendo como representações e de que forma a difusão de representações sobre o meretrício influenciou a construção dos imaginários sociais da comunidade em relação a esse lugar. Nesse sentido, nos valemos em nosso estudo, do conceito de representação proposto por Jodelet (2001, p.03) que afirma que as representações expressam “definições partilhadas pelos membros de um mesmo grupo constroem uma visão consensual da realidade para esse grupo. Esta visão, que pode entrar em conflito com a de outros grupos, é um guia para as ações e trocas cotidianas – trata-se das funções e da dinâmica sociais das representações”.

A partir dessa noção proposta pela autora, entendemos que em nosso caso, as representações, difundidas pelo *PANORAMA*, acabaram influenciando de forma decisiva a formação do imaginário coletivo. A ideia que se procurava reforçar através das notícias divulgadas pela imprensa associava, na maioria das vezes, o meretrício aos acontecimentos negativos da cidade, tais como os crimes, roubos, brigas e até mesmo as mortes ocorridas na cidade. Sendo assim, ainda que o meretrício estivesse associado à cultura e a diversão da região, acabou tendo sua imagem mais forte associada à prostituição e a violência.

Em nossa análise, procuramos pensar o meretrício de Taquara, enquanto um espaço social que é representado pela imprensa local, que dessa forma difunde no imaginário social determinadas ideias e valores sobre o meretrício, procurando com isso, imprimir um ideal de verdade em seus leitores. Nesse sentido, não podemos deixar de notar o impacto que tais ideias provocaram na comunidade, uma vez que as notícias sobre o meretrício ocuparam um espaço significativo nas edições do jornal, por mais de duas décadas.

**O meretrício como espaço das *mulheres de má reputação* na cidade**

Uma cidade é, sem dúvida, antes de tudo uma materialidade de espaços construídos e vazios, assim como é um tecido de relações sociais, mas o que importa, na produção do seu imaginário social, é a atribuição de sentido, que lhe é dado, de forma individual e coletiva, pelos indivíduos que nela habitam (PESAVENTO, 2000, p. 32).

Iniciamos esta análise sobre as representações difundidas sobre meretrício na imprensa a partir de algumas questões teórico-metodológicas que consideramos fundamentais no entendimento de nossa pesquisa. A primeira delas diz respeito a dimensão pela qual perpassa a difusão de ideias publicadas por um órgão de imprensa sobre os lugares de uma cidade, assim como sobre os personagens que nela atuam.

A imprensa, como instrumento difusor de s e valores de uma sociedade, expressa idealizações, valores e sentimentos sobre as coisas e o mundo. Nesse sentido, os lugares e os personagens de uma cidade passam a ser alvo de interpretações, que por sua vez, estabelecem uma série de relações sociais através das quais as pessoas e os espaços associados a elas passam a apresentar um valor simbólico, sempre ligado a adjetivações. É essa simbologia que, através do tempo e da perpetuação de determinadas visões, reafirma ideias e imagens sobre os espaços sociais e seus personagens.

Entendemos nossas fontes impressas como responsáveis pela difusão de imagens e representações, que veiculam discursos produzidos por indivíduos que mantinham contato com o espaço social analisado. Daí, ser possível afirmar que o Jornal PANORAMA era responsável, no período analisado, por criar e difundir uma imagem idealizada sobre o meretrício de Taquara. Pesavento analisa o papel dos jornais como difusores de uma “mentalidade coletiva” sobre alguns espaços, a julgar pelo objeto que estudamos, o meretrício era um espaço também de pecado, uma vez que segundo a autora “o pecado morava ao lado de cada moradia e que o crime espreitava em cada esquina... Mas, sem dúvida, há que estabelecer correlações entre as fontes a utilizar e analisar as informações que elas possam conter” (PESAVENTO, 2004, p. 29).

Sobre essa importante questão, que envolve a discussão das imagens e dos discursos na história – sejam elas fotografias, desenhos ou até mesmo discursos que imprimem determinadas imagens sobre as coisas, os estudiosos ressaltam que não se pode acreditar que há neste tipo de fonte um olhar inocente do indivíduo que a produziu. Ao contrário, todas as representações construídas pelo homem na sociedade são condicionadas pelo contexto e pelas diferentes motivações que levam os indivíduos a interpretarem e produzirem uma determinada leitura do mundo.

Concordando com estas considerações vê-se que é preciso estar consciente de que o espaço analisado por nós – o meretrício de Taquara, no contexto do Vale do Paranhana - era considerado como um lugar de desregramento e exclusão social, ou seja, um local onde os indivíduos procuravam “emoções” diferentes do seu dia-a-dia.

Identificando-se pela marginalidade, prostituição e medo, o que resultou em discriminação e em preconceito por parte de muitas pessoas. Considerado um ambiente adverso aos bons costumes, por muitos moradores da cidade, a Zona tornou-se um lugar de representações e simbolismo, onde pessoas buscavam ser ou fazer coisas que normalmente em outros locais não poderiam ser e realizar.

Por seu turno, Mary del Priori (2006) nos faz pensar sobre as questões de gênero e as relações existentes entre os grupos, além do papel do casamento em determinadas sociedades. A autora reflete sobre o papel do adultério para os homens e para as mulheres, pois ainda nesse período percebemos uma “moral conservadora” no interior de alguns grupos tradicionais da cidade. Isto fica explicitado, na passagem abaixo, quando afirma que:

Embora não haja estatísticas sobre o assunto, é de se supor que as relações extraconjugais fossem correntes depois do casamento. O adultério perpetuava-se como sobrevivência de doutrinas morais tradicionais. Fazia-se amor com a esposa quando se queria descendência; o restante do tempo, era com a outra. A fidelidade conjugal era sempre tarefa feminina; a falta de fidelidade masculina vista como um mal inevitável que se havia de suportar. E sobre a honra e a fidelidade da esposa que repousava a perenidade do casal (DEL PRIORI, 2006, p. 195).

Entretanto, o adultério masculino poderia ser explicado sob uma perspectiva machista, de que era a prática sexual, uma necessidade inerente ao ser biológico “homem”. Além disso, ainda permanecia a ideia de que com a esposa não se realizava “peripécias sexuais”, e isso relegava ao homem o esvaziamento da atração pela esposa, gerando a partir disso, outros tipos de sentimento como carinho, afeto, gratidão.

Em muitos os casos, as mulheres deixam de ser esposas, para se tornarem a mãe dos meus filhos. Assim sendo, “Os casamentos iam lentamente esvaziando-se de apetites — se eles tivessem algum dia existido — para consolidar-se em uma nebulosa de sensações domésticas: o bem-querer misturando-se à elevação do espírito, à devoção e à piedade” (Ibidem, p. 26).

O ideal de que a mulher deveria ter um papel recatado, tanto o ambiente doméstico como em ambientes de trabalho permeava o imaginário da sociedade regional, somente ao homem a possibilidade da busca por luxuria, sendo em muitos casos incentivada a busca de serviços profissionais de prostitutas aos mais jovens, pois precisavam aprender desde cedo as “benesses” de uma vida boemia.

Em contrapartida, relações sexuais de homens com várias mulheres não só eram permitidas, como freqüentemente desejadas. Tinha-se horror ao homem virgem: inexperiente. Os rapazes procuravam aventuras com as “galinhas ou biscates” com as quais desenvolviam todas as familiaridades proibidas com as “moças de família” (Ibidem, p. 308).

Para as mulheres casadas, o fim do casamento ou um escândalo era tido como um grande problema, já que muitas sabiam da infidelidade dos cônjuges, mas tinham receio de como ficaria a sua situação, principalmente a financeira, para criar os filhos, mas também como seriam apontadas pela sociedade.

A grande ameaça que pairava sobre as esposas, como já visto, eram as separações. Além do aspecto afetivo, as necessidades econômicas — pois a maioria das mulheres de classe média e alta dependia do provedor — e do reconhecimento social [...] pesavam a favor do casamento a qualquer preço (Ibidem, p. 313).

A autora aprofunda sua análise sobre a condição feminina, quando afirma que:

O importante era não dividir os patrimônios: o material e o simbólico. O patrimônio simbólico bem representado em nomes de família tradicional, em posições profissionais de projeção, em carreiras públicas, enfim, no *status* que seguia impoluto, sem a mancha do divórcio, do lar desfeito ou da consciência pesada. (Ibidem, p. 324).

Dessa forma, procurando relacionar as questões discutidas até aqui e que implicam no melhor entendimento sobre nosso objeto de estudo, relacionamos aquilo que Denise Jodelet (2001) nos mostra através de suas pesquisas sobre o campo das representações sociais. Jodelet afirma que visões de diferentes grupos sociais podem entrar em conflito, constituindo uma verdadeira “batalha simbólica” pela imposição de determinadas visões ou ideologias. Para a autora:

Estas definições partilhadas pelos membros de um mesmo grupo constroem uma visão consensual da realidade para esse grupo. Esta visão, que pode entrar em conflito com a de outros grupos, é um guia para as ações e trocas cotidianas – trata-se das funções e da dinâmica sociais das representações (JODELET, 2001, p. 03).

Com isso, o meretrício de Taquara passa a ser entendido em nossa investigação como esse campo de batalha simbólica, onde diferentes ideias e concepções sobre esse espaço passaram a conflitar.

Nessa perspectiva, de melhor compreender o processo histórico de construção dessas imagens e representações sobre as mulheres do meretrício de Taquara, observamos aquilo que a historiadora Sandra Pesavento reflete em sua obra de referência “O imaginário da cidade” (2000), na qual analisa os espaços urbanos e a produção das imagens que seus moradores produzem sobre esses diferentes espaços que habitam.

Para a autora, se construiu historicamente – e ainda se constrói – um verdadeiro ideal de cidade, cuja imagem é idealizada através dos grupos sociais que a constituem, que dessa forma manifestam seus interesses e seus imaginários, que normalmente se associam as noções de progresso e civilidade. Entretanto, segundo sua interpretação, os espaços do meretrício desempenharam um papel fundamental na dinâmica social das cidades, na medida em que esses lugares – considerados subversivos a ordem estabelecida, funcionavam como uma “válvula de escape”, onde as pessoas procuravam extravasar seus sentimentos e aquilo que era considerado fora dos costumes estabelecidos pela comunidade.

Nessa mesma linha interpretativa, Roger Chartier, vê que os indivíduos ao se identificarem como grupo utilizam-se de representações como “elo de ligação” entre eles:

[...] as tentativas feitas para decifrar diferentemente as sociedades, penetrando o dédalo das relações e das tensões que as constituem a partir de um ponto de entrada particular (um acontecimento, obscuro ou maior, o relato de uma vida, uma rede de práticas específicas) e considerando que não há prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações, contraditórias e afrontadas, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido a seu mundo (CHARTIER, 2002, p.66).

Ao analisar o espaço social verifica-se que, no caso das imagens e das representações sobre o meretrício de Taquara, cria-se uma distinção entre os frequentadores e não frequentadores do local, pois ao criarem uma representação de grupo, distiguem-se os que mantêm os bons costumes e os marginalizados, que não se condicionam às normas estabelecidas.

Já outro autor de referência em nossa pesquisa é Baczko, que acredita que os imaginários sociais produzidos por grupos que circundam um mesmo local, são pontos de referência nos seus sistemas simbólicos expõem suas posições e crenças sociais.

[...] os imaginários sociais constituem outros tantos pontos de referência no vasto sistema simbólico que qualquer coletividade produz e através da qual, como disse Mauss, ela se percepciona, divide e elabora seus objetivos. É assim que, através dos seus imaginários sociais, uma coletividade designa sua identidade; elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e expõe crenças comuns [...] (BACZCO, 1984, p.309-310).

Dessa forma, tendo como referência os estudos sobre representações sociais, assim como a relação com os imaginários e os estudos que privilegiam a análise dos espaços urbanos é que iniciamos nossa investigação sobre a produção das imagens e idealizações sobre as mulheres do meretrício de Taquara. Destaca-se nessa interpretação o impacto dessas representações na produção da memória social sobre o lugar e as personagens em questão na atualidade.

Ao mesmo tempo, os problemas levantados mostram a permanência não apenas das imagens e metáforas a partir das quais se constrói a experiência sexual, mas ainda a reincidência das dificuldades nesta área, encobertas por um profundo silêncio que apenas começa a ser quebrado em nosso tempo (RAGO in NODARI, PEDRO, IOKOI, 1999, p. 1180).

**A imprensa, o meretrício e a difusão de uma memória sobre o espaço**

Em grande parte dos editoriais publicados pelo Jornal PANORAMA, evidencia-se a Zona do Meretrício como um lugar de desregramento e exclusão social, tornando-se difícil desvincular a discussão sobre as personagens do espaço urbano marcado como um lugar de marginalidade, prostituição e medo.

Sandra Pesavento (1999) revela que tais espaços, encarados como tortos, estreitos, enlameados e mal iluminados, continham edificações qualificadas através de uma linguagem de estigmatização contida em uma alteridade condenada, pois seus estabelecimentos eram denominados de “espeluncas ou bordéis”, espaços com funções bem delimitadas, isso sem citar outros tipos de edificações destinadas aos moradores pobres. Era no espaço estigmatizado que as jogatinas aconteciam, onde se potencializava e estimulava a bebedeira, o crime, o linguajar de baixo calão, além de atos obscenos.

O léxico de estigmatização urbana da época, ao estabelecer as fronteiras da cidadania e da exclusão, definia como *turbulento* aquele que provocava desordem ou tumulto, por bebida ou briga, a provocar os demais, com palavras e gestos, chegando mesmo a causar ferimentos leves. Indivíduos *sem ofício nem benefício*, seus atos iam desde atitudes mais simples, como algazarra, cantoria, bebedeira e correria pelas ruas, mas poderiam degenerar até os crimes de morte e roubo. Mais do que vadio e desordeiro, o *turbulento* poderia ser também um assassino, um criminoso no mais alto grau (PESAVENTO, 2004, p. 31).

A partir dessas constatações iniciais, é que passamos a análise mais aprofundada das publicações do PANORAMA, em diferentes edições e que assim nos permitem melhor compreender o conteúdo presente nas edições publicadas pelo Jornal. Esse, sem dúvida, destinou parte de seus editoriais à difusão de notícias relacionadas ao meretrício localizado na cidade, o que reforça nossa convicção de que o meretrício despertava os olhares da sociedade taquarense em relação a esse *lugar* da cidade.

Iniciamos com a análise da reportagem “Outro Assalto perto da Zona”(**PANORAMA**. 20 dez. 1975. p. 20) na qual a violência é o tema central. É relato um assalto ocorrido nas mediações, onde três meliantes cercam um indivíduo que havia frequentado o meretrício, ao anunciarem o assalto, a vítima tenta reagir e é golpeada na testa, perdendo os sentidos. Os assaltantes levaram da vítima sua bolsa “leva tudo” e um relógio de pulso.

Socorrida por populares, a vítima teria prestado queixa na Delegacia do município e teria sido encaminhada ao Hospital para tratar dos ferimentos. Em decorrência deste fato a polícia do município anunciou que iria fazer operações no local. Sandra Pesavento, analisa o papel da lei para a sociedade, quando diz que ela é estabelecida no comum acordo do grupo, mas tem seu aporte funcional em normatizar e controlar os excessos dos agentes sociais.

A lei é, pois, fruto de uma vontade e de um acordo entre os homens, ou, pelo menos, do comum acordo entre aqueles que a fazem. É resultado de uma negociação entre seus autores em face de uma questão posta pelo convívio social. Sendo determinação e vontade, é uma forma objetiva de normatização da vida ou do controle social que pressupõe uma representação da sociedade desejável. Ou seja, a lei dispõe, interdita, concede, tendo como referência padrões que os homens estabelecem através da história (PESAVENTO, 2004, p. 27).

Observa-se que o meretrício é diretamente associado ao lugar de bandidos e, portanto, daqueles que se contrapõem ao ideal de sociedade da época. Evidencia-se que esse tipo de operação policial era encorajado pela comunidade local, pois o ambiente mencionado contrariava os padrões éticos e necessitava de medidas controladoras por parte dos meios administrativos e de segurança pública.

Isto fica visível na reportagem publicada em 21 de fevereiro de 1976 sob o título de “Polícia está recuperando armas e joias furtadas” (**PANORAMA**. 21 fev. 1976. p. 5), que exemplifica como a imprensa interagia com os padrões que parcela da comunidade acreditava: “As investigações continuam e a polícia espera liquidar de uma vez com essa onde de furtos e assaltos de que está sendo vítima a cidade.” Nessa perspectiva, notamos aquilo que Pesavento ressalta quando analisa a questão do mal endêmico, no qual o território urbano sofre. Para ela:

[...] os dados dos jornais e da polícia nos revelam que as práticas condenáveis ocorriam em todo o território urbano, a demonstrar uma geografia mais alargada que aquela dos becos e das zonas negras […] (PESAVENTO, 2004, p. 33).

Dando continuidade a análise das fontes impressas pelo jornal, encontramos na edição 20 de dezembro de 1975 uma publicação intitulada “Polícia e Brigada fizeram Limpeza na Zona” e que retratava as medidas tomadas pelos órgãos de segurança em relação ao meretrício:

[...] Os constantes assaltos que estão ocorrendo nas proximidades da zona do meretrício, levaram a Polícia Civil e a Brigada Militar a unir as suas forças e efetuaram a chamada “Operação Varredura”, para recolher os desocupados.[...] (**PANORAMA**. 20 dez. 1975. p. 5.

Nessa operação, ao vasculharem as casas do local, os policiais teriam recolhido 16 pessoas que precisaram prestar esclarecimentos na Delegacia de Polícia local. A reportagem ainda retrata que outras operações deste tipo seriam efetuadas antes do final do ano.

No editorial publicado no dia 21 de fevereiro de 1976 e que traz como título “Bateu na Elaine e quebrou a casa” (**PANORAMA**. 21. fev. 1976. p. 5) é mostrado como os entorpecentes estão presentes nesse espaço de convívio social. A reportagem ressalta que uma moradora da zona esteve na delegacia prestando queixa de que um indivíduo estava promovendo um quebra-quebra em uma das casas do local, além de agredir outra moradora da casa. Após efetuarem uma diligência os policiais ao meretrício constataram que o indivíduo estava sob efeito de tóxicos. Nota-se de que havia uma preocupação com o que ocorria no local e de que as coisas pudessem sair de controle.

Nessa mesma edição, o Jornal PANORAMA publica outra reportagem que noticia a recuperação de armas e jóias roubadas, sendo “após uma série de investigações e “batidas” a polícia conseguiu apreender na zona do meretrício uma série de objetos que foram roubados em Taquara e São Francisco de Paula. Entre os objetos estavam dois revólveres que segundo consta foram usados pelo autor em diversos arrombamentos (**PANORAMA**. 21. fev. 1976. p. 5) Esta passagem afirma como fatores relevantes para a caracterização negativa do lugar e de alguns de seus moradores, o tráfico de entorpecentes, a aquisição de armas e a própria preocupação da comunidade e da imprensa em apoiar qualquer atividade que tentasse coibir as ocorrências de violências na “zona”.

No dia 28 de fevereiro de 1976, o Jornal PANORAMA editou outra reportagem intitulada “Tiroteio na zona” (**PANORAMA.** 28. fev.1976. p. 8), que trata da violência do meretrício. Esta por sua vez retrata um tiroteio ocorrido no local, onde um indivíduo disparou tiros contra outro, nos fundos de uma das boates. O motivo principal envolveria uma mulher que trabalhava no local. A vítima procurou a Delegacia e registrou ocorrência do fato, pois um dos disparos atingiu seu braço, e em consequência disso foi encaminhado para o hospital local. Identificamos aqui um elemento discutido por Del Priori, para quem “o crime passional era uma modalidade de violência bastante presente nas camadas desfavorecidas” (DEL PRIORI, 2006, p. 277).

Ressaltamos o fato de que durante as décadas de 1970 e 1980 o Jornal PANORAMA noticiou fatos ligados, direta ou indiretamente, a zona do meretrício da cidade de Taquara, nos quais conflitos pessoais e de segurança pública eram pontos que o jornal enfatizava com maior frequência. Na reportagem do dia 20 de dezembro de 1975, intitulada “Polícia e Brigada Fizeram Limpeza na Zona” (**PANORAMA**. 20 dez. 1975. p. 5), noticiou-se a realização da Operação Varredura, onde, em parceria entre Policia Civil e Brigada Militar, foi feita a apreensão de elementos em virtude de constantes assaltos nas proximidades da zona.

Os constantes assaltos que estão ocorrendo nas proximidades da zona do meretrício, levaram a Policia Civil e a Brigada Militar a unir suas forças e efetuarem a chamada “Operação Varredura”, para recolher os desocupados [...]grande efetivo de soldados (…) deslocaram-se até a zona do meretrício, onde efetuaram um cerco. Vasculharam todas as casas e dormitórios recolhendo os desocupados. Muitos daqueles que se encontravam no interior das casas tentaram fugir pulando janelas até mesmo em trajes menores, porém o cerco dos policiais evitou a fuga de qualquer marginal (**PANORAMA.** 20 dez. 1975. p. 5).

Segundo a reportagem, quinze homens foram levados a delegacia de polícia para realização de interrogatório. Ainda de acordo com o veículo de imprensa, na região da grande Porto Alegre, outras ações em conjunto entre Brigada Militar e a Polícia Civil seriam realizadas, dentro da “Operação Papai Noel: Segundo a reportagem apurou, dentro da Operação Papai Noel, que está sendo desencadeada em toda a grande Porto Alegre, muitas batidas conjuntas, entre Brigada Militar e Polícia Civil, serão realizadas ainda antes do final do ano” (**PANORAMA**. 20 dez. 1975. p. 5).

Em 10 de abril de 1976, no espaço destinado a curtas notícias de caráter policial, o jornal divulgou através de *Furtos* (**PANORAMA**. 10 abr. 1976. p. 10)que no meretrício um senhor de 62 anos de idade foi furtado em Cr$ 230,00. A vítima, entretanto, afirmou desconhecer o autor da ação, demonstrando certa complacência em relação à recorrência desse tipo de ação no meretrício, que segundo o editorial era comum no local.

Já na edição publicada em 24 de março de 1979, foi noticiada a detenção de 18 elementos no hotel *Turista*, próximo ao meretrício. Na matéria intitulada “Polícia realizou batida e deteve 18 elementos”, o jornal afirma que a aglomeração no Hotel citado gerou desconfiança entre os policiais de que indivíduos suspeitos pudessem estar no local: “Os policiais, ao passarem pelo local, perceberam grande aglomeração de pessoas e desconfiaram que lá poderiam estar certos indivíduos procurados. Depois de feita uma triagem, foram presos 18 elementos [...]” (**PANORAMA**. 24 mar. 1979. p. 7).

Após realizar a batida, foi constatada a presença de um homem envolvido em crime ocorrido duas semanas antes. Desta forma, segundo o jornal, a polícia poderia dar continuidade a investigação, pois: “[...] A polícia estava em seu encalço e obteve êxito, podendo, agora com mais dados, continuar o inquérito sobre a morte de [...]”(**PANORAMA**. 24 mar. 1979. p. 7).

A chamada da notícia ainda faz referência aos serviços realizados pela Polícia em Taquara. Diz o jornal: “Continuando o trabalho de zelar pela ordem pública da comunidade taquarense, os policiais da DP local estão desenvolvendo uma série de “batidas” em lugares onde possam encontrar-se elementos nocivos a sociedade” **PANORAMA**. 24 mar. 1979. p. 7).

Dando continuidade a nossa investigação sobre os editoriais, notamos numa publicação do final da década de 1980 outros elementos interessantes. Na reportagem do dia 26 de junho de 1987, é trazida a notícia de que o assassino do proprietário de uma boate do meretrício, a “Boate Labarca”, havia se entregado a polícia. De acordo com o jornal, o assassino deu sua versão dizendo que era o terceiro de um grupo que estava entrando na boate. Ao entrar já estaria ocorrendo a confusão, sendo que neste momento o proprietário o atacou com uma faca. Sem outra possibilidade atirou no homem e fugiu:

O assassino disse que nem sabe porque começou a briga na boate Labarca. […] ele era o terceiro de um grupo que estava entrando na boate. […] Disse que quando entrou, já estava brigando **(o proprietário)** com os outros dois homens que o acompanhavam. No meio da confusão o dono da boate teria se voltado contra ele armado de faca, e que, encurralado, não teve outra alternativa, que não fosse atirar (**PANORAMA.** 26 jun. 1987. p. 3 [grifo do autor]).

A reportagem afirma que a versão das quatro primeiras testemunhas não confirma a versão do indiciado. Segundo as testemunhas os três indivíduos chegaram de outra boate, a Apolo 11, e que apenas aquele não apresentava sinais de embriaguês. A confusão teria começado com o desentendimento entre um garçom e um dos homens, que teria posto os pés sobre a mesa. Este teria sido expulso do recinto, gerando as consequências já sabidas.

As testemunhas disseram que tudo começou com desentendimento entre um garçom e um dos acompanhantes **(do indiciado**) que teria sentado inadequadamente, com os pés sobre a mesa. O elemento foi colocado para fora e instalou-se a confusão [...] (**PANORAMA.** 26 jun. 1987. p. 3).

Ainda de acordo com as testemunhas, a vítima não portava qualquer tipo de arma, sendo a única pessoa armada no local o indiciado. O caso ainda não estaria resolvido, pois a polícia desejava ouvir outras testemunhas do caso.

As pessoas ouvidas negaram também que o proprietário da boate portasse qualquer tipo de arma, contradizendo o indiciado (…) Os policiais de Taquara pretendem ouvir ainda uma série de outras testemunhas, para elucidar melhor o crime e esclarecer a verdade dos fatos (**PANORAMA.** 26 jun. 1987. p. 3).

No mesmo ano, em 27 de novembro de 1987, o PANORAMA noticiava como matéria de capa a reportagem “Morto com dois tiros na zona do meretrício”, em que abordava o assassinato de um homem nas proximidades da Boate Apolo 11. Segundo testemunhas, os tiros que vitimaram o homem teriam sido disparados do interior de um veículo, ocupado por dois indivíduos não identificados: “morreu na madrugada de domingo no interior de um taxi cujo motorista teve dificuldades para conseguir atendimento médico ao ferido nos hospitais de Taquara. A vítima foi atingida por dois disparos [...] nas proximidades da Boate Apolo 11, na zona do meretrício” (**PANORAMA.** 26 jun. 1987. capa).

O acusado de assassinato apresentou-se a polícia, afirmando que havia sido vítima de tentativa de assalto por parte do assassinado. Na noite do crime teria descido do carro para urinar, e então teria sido abordado. Reagindo a situação, o homem disparou contra ele.

O jornal mostra ainda que o homem teria afirmado: “disse que dias antes, também na zona do meretrício, foi vítima de tentativa de assalto [...] teria descido (do veículo) para urinar quando foi abordado pela vítima que, armado com uma faca, teria dito 'agora vais me pagar’” (**PANORAMA.** 26 jun. 1987. capa).

Retornando a década de 1970, na edição de 20 de dezembro de 1975 é publicada a notícia “Outro assalto na zona”. Nela é registrado o fato de que teria aumentado a marginalidade no local, tendo sido mais um ladrão detido pela polícia taquarense. Segundo o editorial, casos de assaltos nessa região se tornaram notícias repetitivas nas páginas do jornal, sendo isso considerado – na interpretação da imprensa - um ato de violência contra o cidadão, que traz medo e preocupação à comunidade próxima do local.

Acrescenta-se a isso o fato que os policiais realizaram constantes batidas na Zona do Meretrício e vilas a fim de limpar a cidade dos marginais desocupados. Isso se mostra evidente no momento em que a reportagem afirma que: “[...] Os constantes assaltos que estão ocorrendo nas proximidades da Zona do Meretrício, levaras a polícia civil e a brigada militar a unir as suas forças e efetuarem a chamada “operação varredura” para recolher os desocupados” (**PANORAMA.** 20 dez. 1975. p. 20).

A violência e a desordem ocorreram sob os mais variados tipos de motivos, percebe-se isso ao analisar as reportagens anteriores com a intitulada “Quebra-quebra”, de 20 de março de 1976: “[...] cidadão promoveu verdadeiro quebra-quebra num bar da Zona meretrício. Como se não quisesse pagar a conta, começou a quebra garrafas, discos, balcão e tudo o que lhe viesse à frente” (**PANORAMA**. 20 mar. 1976. p. 11).

Já no mês seguinte, em 17 de abril, o PANORAMA informa através de o Incêndio, que no meretrício teria ocorrido um incêndio, que possivelmente teve causas propositais, por parte de desafetos que o lugar teria conquistado. Segundo o editorial são muitos, os frequentadores assíduos do local, vindos de todos os lugares da cidade e até mesmo região, fica difícil para as autoridades encontrarem suspeitos para o crime. “[...] O sinistro começou na cozinha e quando... (nome da pessoa) viu as chamas não havia mais chance de apagar o fogo” (**PANORAMA.** 17 abr. 1976. p. 4).

As notícias que informam a população acerca dos crimes e da violência praticada no meretrício, continuam sendo uma das pautas principais da imprensa, que acaba com isso reforçando o imaginário regional quanto ao ambiente negativo do meretrício. Fica marcado o papel da imprensa como difusora de uma opinião pública, sendo que:

Poderíamos dizer que o jornal informa, “literariamente”, sobre o acontecido. Procura orientar a opinião, pela pena do jornalista, que por sua vez coloca a sua sensibilidade em confronto com o horizonte de expectativas de seu meio. Sentidos se superpõem, a narrar uma história que se pretende *verídica*, construída pelo discurso jornalístico. Já a documentação policial é mais regrada, existem mesmo fórmulas de registrar a ocorrência mas, mesmo assim, é fonte extremamente rica e polifônica (PESAVENTO, 2004, p. 29).

Esse ideal violento que se associa ao lugar é reforçado na edição de 20 de dezembro de 1975, que traz como destaque “Outro assalto perto da Zona”, em que nos chama a atenção a de que o meretrício abrigava diferentes tipos de marginais: “[...] os policiais deverão agora constantemente efetuarem batidas na Zona do Meretrício e vila, a fim de limpar a cidade dos marginais e desocupados” (**PANORAMA.** 20 dez. 1975. p.20).

Mesmo em um ambiente que por muitas vezes foi considerado nocivo a sociedade taquarense, o Jornal PANORAMA publicou reportagens que mostravam outra visão do espaço do meretrício. A edição de 01 de novembro de 1975 (**PANORAMA.** 01 nov. 1975. Capa), mostra que na Apolo 11 se encontra diversão, dança e música ao vivo. Cantores famosos costumam visitar frequentemente o local, alegrando o mesmo com suas músicas, atraindo um interesse por parte de homens e mulheres cada vez maior pela danceteria. Soma-se a isso o fato de que prostitutas trabalham no local, aumentando cada vez mais sua freguesia.

O papel desempenhado pelas prostitutas no meretrício era muito mal visto por grande parte da população de Taquara. Elas eram entendidas pela comunidade como responsáveis por adotar uma prática imoral, não sendo, segundo sua interpretação, dignas de conviver em sociedade. A historiadora Joana Maria Pedro, revela que o espaço de atuação das mulheres na sociedade sempre esteve atrelado ao privado, e o espaço público era considerado masculino, logo quando mulheres atuavam no espaço público, alguma estigmatização acontecia.

O nascimento da sociedade burguesa instituiu papéis definidos para os gêneros e significou uma sensível derrota para as mulheres, ao atribuir-lhe o espaço do privado, do lar, da maternidade e da família. O espaço público, o conhecimento racional, a competição, a propriedade, a herança e a força tornaram-se atributos dos homens, seres por excelência universais (PEDRO *in* NODARI, PEDRO, IOKOI, 1999, p. 1197).

Sob outra perspectiva, a historiadora Mary Del Priori creditava que a moral ligada a questões de gênero ou a atuação na vida pública constituiu-se de forma diferenciada em diversos locais e em diferentes épocas, uma vez que:

Essa ética sexual se impôs com maior ou menor rigor, dependendo de épocas e lugares, por muito tempo. E impregnou as mentalidades. Ao associar sexualidade e pecado — o que se fazia até meados do século passado —, essa ética sexual impedia que amor e sexo dessem as mãos (DEL PRIORI, 2006, p. 10).

Para entendermos essa postura é importante lembrar qual era o ideal de mulher da época – as décadas de 1970 e 1980. Nesse contexto a mulher deveria ter sensibilidade sexual, ou seja, mostra-se subordinada a sua condição sexual, especialmente em relação a maternidade e aos afazeres domésticos, vendo em seu marido um senhor superior a ela, sendo, portanto, totalmente dominada pelo seu esposo. Sua sexualidade era vista, ainda, como um tabu, ficando sem direitos de expressar-se publicamente. Os comportamentos desviados de uma prostituta a impede de cumprir suas obrigações sociais fomentando a desordem social e política.

Nesse sentido apresentado acima, temos a reportagem “Tiroteio na zona” (**PANORAMA.** 28 fev. 1976. p. 8) que corrobora com essa visão. A reportagem demonstra a influência das meretrizes em alguns dos fatos ocorridos naquele espaço, sendo ali que um indivíduo disparou tiros contra outro, nos fundos de uma das boates. O motivo principal envolveria uma mulher que trabalhava no local. Contrapondo a reportagem anterior e a próxima, identificamos que as personagens andavam em uma linha tênue, já que em alguns ocorridos eram o motivo de alguma violência ou eram as vítimas das mesmas.

No editorial “Agressão” (**PANORAMA.** 17 abr. 1976. p. 4) o PANORAMA mostra a violência contra as prostitutas que trabalhavam na “zona”, apesar de encontrarmos poucos editoriais que relatasse esse tipo de situação, nota-se pelo descrito em outros tipos de editoriais que o ambiente de violência perpassava pelas pessoas que passavam pelo local em algum dado momento:

A meretriz (*nome da pessoa),* de 24 anos de idade queixou-se na Delegacia de Polícia no dia 11 do corrente, às 4:30 horas na zona do meretrício local, foi agredida pelo proprietário de um bar lá instalado, cujo nome é (*nome do indivíduo*) (**PANORAMA**. 17 abr. 1976. p. 4).

No editorial de 21 de fevereiro de 1976, intitulado “Bateu na Elaine e quebrou a casa” mostra também que o ambiente de violência assolava as meretrizes, que por normalmente estarem em desvantagem perante aos indivíduos que pelo local circulavam, sofriam maus tratos:

No último dia 16 do corrente, às 18:00 horas, a Sra. (nome da pessoa) residente na zona do meretrício de Taquara comunicou que o Sr. (nome da pessoa) estava promovendo desordens em uma casa, tendo espancado a mulher, (nome da pessoa). O elemento foi recolhido à Delegacia de Polícia, tendo-se constatado que estava sob efeito de tóxicos (**PANORAMA.** 21 fev. 1976. p. 5).

Enquanto que às mulheres cabiam os ofícios do lar e da família, aos homens era permitido o diálogo aberto e público em relação aos divertimentos e devaneios que o meretrício proporcionava ao sexo masculino. Segundo “Nossa vida noturna tem poucas opções” da edição do PANORAMA de 01 de novembro de 1975:

Frequentemente somos interrompidos nos diálogos de cafezinho pelos amigos interessados no massacre do elogio zombeteiro das riquezas existentes nas noites da boemia taquarense. [...] É ponto de passagem e parada obrigatória para os que dirigiam pela Zona do Meretrício e as mariposas ali desfilam a buscar seu negócio impróprio e proibido (**PANORAMA**. 01 nov. 1975. p.6).

Ao que tudo indica o jornal admite que embora exista desordem no meretrício, o lugar é assiduamente frequentado pelos homens taquarenses, que buscam nesse espaço os serviços sexuais prestados pelas mulheres em troca de dinheiro. Daí ser possível afirmar que, se por um lado o meretrício é representado como lugar de devassidão e desordem, por outro lado ele é alimentado com o dinheiro dos homens da própria sociedade regional.

Finalmente nos chama a atenção a notícia estampada na capa do jornal de 01 de novembro de 1979 em que aparece – como manchete do Jornal - a reportagem “Meninas foram dopadas e abandonadas no mato”. De acordo com o editorial, foram encontradas meninas menores de idade, em um mato próximo à Rua Pinheiro Machado, em Taquara.

A investigação teria começado depois que uma das bailarinas da danceteria *Apolo 11* comunicou a polícia que suas duas irmãs haviam desaparecido da residência de familiares, em Sapiranga. Outro elemento que aparece nessa reportagem é a utilização da maconha, droga utilizada para entorpecer as duas meninas e que: “[...] Conforme o delegado de polícia quem entregou maconha para os menores foram dois indivíduos” (**PANORAMA.** 01 nov. 1979. p.6). Assim, o meretrício é representado também como espaço de prostituição, tráfico de drogas e circulação de menores de idade, o que acaba reforçando a ideia negativa do meretrício.

Utilizando-se dessa imagem negativa do local, alguns grupos sociais e a imprensa taquarense, fazem seu papel pressionando os governantes locais a interferir sobre a questão. No editorial publicado em 07 de março de 1980, um vereador do município acusa o prefeito daquele período de má vontade para alocar o meretrício em outro local: “A zona do meretrício já teria sido mudada para outro local, não fosse a má vontade do prefeito”. A reportagem comenta que o vereador está de posse de um abaixo-assinado com um número elevado de assinaturas corroborando com suas intenções e que fará todos os esforços para deslocar os prostíbulos para um local adequado segundo sua percepção.

No editorial da semana seguinte o prefeito responde à comunidade pelo Jornal PANORAMA, através de uma nota onde explicita suas razões e acusa o vereador de buscar benefícios próprios com o deslocamento dos prostíbulos: “[...] o mencionado vereador pretende transferir a zona do meretrício do local onde se encontra, visando principalmente valorizar a sua propriedade construída nas proximidades da mesma” (**PANORAMA,** 14 mar. 1980, p.14).

Continua dizendo que a zona já estava instalada no local 20 anos antes do referido vereador adquirir o imóvel, além de comentar as tentativas frustradas do vereador junto aos órgãos estaduais, e que por mais que tentasse conseguir vantagens políticas transferindo a zona para outros locais, isso não resolveria o problema, mas que como prefeito municipal concordava com a transferência, desde que o local fosse provido de água, luz e saneamento básico.

**Considerações Finais**

O meretrício de Taquara foi alvo, sem dúvida, de diversas interpretações por parte da sociedade na qual o lugar se inseria geográfica e socialmente. Certamente muitas opiniões divergiam sobre o lugar, as personagens envolvidas bem como em relação aos acontecimentos que marcaram a trajetória de sua existência.

Entretanto, prevaleceu materializada pela imprensa oficial de Taquara, a imagem de desregramento e imoralidade, que caracterizavam o meretrício e suas personagens. Se por um lado esse era o lugar da diversão e também da realização de atividades culturais prevaleceu por outro lado a noção de festa imoral, de devassidão e de violência, que em parte traduzia os interesses daqueles que detinham o poder de falar, os seja, de difundir a sua interpretação individual ou coletiva – ainda que de um grupo restrito - sobre o meretrício de Taquara.

O fato de estar localizado em uma área marcada pela imigração alemã no sul do Brasil, nos parece ser um elemento de fundamental importância. Isso se justifica, na medida em que observamos que a cultura e as tradições herdadas dos imigrantes marcou a comunidade local, que viu nascer em seu próprio espaço social, um meretrício, ou seja, uma lugar que se opunha, em grande parte, aos valores e as ideias defendidas oficialmente pelos diferentes grupos sociais que constituíam Taquara e seus arredores.

Entretanto, dentro dessa mesma sociedade que condenou de forma evidente esse *lugar de desregramento social* foi quem o sustentou e deu viabilidade econômica para que as casas de prostituição do meretrício se mantivessem de portas abertas, durante várias décadas. Em outras palavras, o meretrício de Taquara se manteve como espaço dinâmico da cidade pelo menos até o final dos anos de 1990, nas terras que outrora haviam sido colonizadas pelos imigrantes alemães no século XIX.

**Referências**

BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: **Enciclopédia Einaudi (Anthropos-Homem).**Portugal: Imprensa nacional/Casa da Moeda,*1984. v.5. p. 309-310.*

BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Org.). **Memória e (res)sentimento:** indagações sobre uma questão sensível. Campinas: UNICAMP, 2004.

BURKE, Peter. **Testemunha Ocular:** História e Imagem. Bauru: EDUSC, 2004.

CANCLINI, Néstor García. Cidades e cidadãos imaginados pelos meios de comunicação. **Opinião Pública, Campinas,** *v. 8, n. 1, 2002.*

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia:** A história entre certezas e inquietude*.* Porto Alegre: UFRGS, 2002.

DEL PRIORI, Mary. **História do amor no Brasil.** 2 ed. – São Paulo: Contexto, 2006.

SCHACTAE, Andréa Mazurok. As comemorações de Tiradentes: memória e identidade de gênero na Polícia Militar do Paraná. **Revista de História Regional,**14(2): 154-177, Inverno, 2009. Disponível em < [www.dominiopúblico.br](http://www.dominiopúblico.br) >. Acessado em 16 jun. 2011.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: **As representações sociais.** Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Representações sociais e esfera pública.** A construção simbólica dos espaços públicos no Brasil.Petrópolis: Vozes, 2000.

PEDRO, Joana Maria. As guerras na transformação das relações de gênero: entrevista com Luc Capdevilla. **Revista Estudos Feministas,** Florianópolis, v. 13, n. 1, jan./abr. 2005*.*

\_\_\_\_\_\_. Mulheres do sul. In:**História das mulheres no Brasil***.* 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

\_\_\_\_\_\_. Fronteiras do Gênero: maternidade e subjetividade. In: **Simpósio Nacional da Associação Nacional da História** (20:1999: Florianópolis) História: Fronteiras/ Associação Nacional de História. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/ USP: ANPUH, 1999. p.1191-1204.

PESAVENTO, Sandra J. **O imaginário da cidade.** Porto Alegre: UFRGS, 2000.

\_\_\_\_\_\_. Crime, violência e sociabilidades urbanas: as fronteiras da ordem e da desordem no sul brasileiro no final do século XIX. **Estudos Ibero-Americanos.** PUCRS, v. XXX, n. 2, p. 27-37, dezembro 2004.

\_\_\_\_\_\_. Lugares malditos: a cidade de outro no Sul brasileiro: Porto Alegre, passagem do século XIX ao século XX. **Revista Brasileira de História,** São Paulo, v. 19, n. 37, set. 1999.

RAGO, Margareth. “Es que no es digna la satisfacción de lós instintos sexuales?”: Amor, Sexo e Anarquia na Revolução Espanhola. In: **Simpósio Nacional da Associação Nacional da História** (20:1999: Florianópolis) História: Fronteiras/ Associação Nacional de História. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/ USP: ANPUH, 1999. p.1179-1190.

SILVA, Luis Martins da. Imprensa, discurso e interatividade. In: **O jornal da forma ao sentido.** Brasília: Paralelo15, 1997.

**Fontes primárias**

Agressão. **PANORAMA.** 17 abr. 1976. p. 4.

Bateu na Elaine e quebrou a casa. **PANORAMA.** 21. fev. 1976. p. 5.

Briga e morte na “zona”. **PANORAMA**. 26 jun. 1987. p. 3.

Furtos. **PANORAMA.** 10 abr. 1976. p. 10.

Incêndio. **PANORAMA**. 17 abr. 1976. p. 4.

Meninas foram dopadas e abandonadas no mato. **PANORAMA**. 01 nov. 1979. p. 6.

Mudança da zona: prefeito responde acusação de vereador. **PANORAMA.**  14 mar. 1980. p.14.

Polícia e Brigada fizeram Limpeza na Zona. **PANORAMA**. 20 dez. 1975. p. 5.

Polícia está recuperando armas e joias furtadas. **PANORAMA**. 21 fev.1976. p. 5.

Polícia realizou batida e deteve 18 elementos. **PANORAMA.** 24 mar. 1979. p. 7.

Nossa vida noturna tem poucas opções. **PANORAMA**. 01 nov. 1975. Capa.

Outro Assalto perto da Zona. **PANORAMA.** 20. dez. 1975. p. 20.

Quebra-Quebra. **PANORAMA.**  20. mar. 1976. p. 11.

Tiroteio na zona. **PANORAMA.** 28 fev. 1976. p. 8.

1. Doutor em História, realiza estágio pós-doutoral pelo Programa de Pós-graduaçāo em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), professor titular do Programa de Pós-graduaçāo em desenvolvimento Regional das Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT). Pesquisa sobre processos identitários e relações de género, raça e etnia e migrações históricas e contemporâneas no sul do Brasil. E-mail: [danielgevehr@faccat.br](mailto:danielgevehr@faccat.br). [↑](#footnote-ref-1)
2. O município de Taquara localiza-se na região Nordeste do Rio Grande do Sul e desempenha importante papel de integração regional no Vale do Paranhana por situar-se no entroncamento das estradas que ligam a Região Metropolitana de Porto Alegre, a Serra Gaúcha e o Litoral Norte do Estado. A origem do município está diretamente ligada ao processo de imigração de alemães no sul do Brasil, e que teve em 1824, o inicio da colonização, com a fundação da Colônia Alemã de São Leopoldo. Vale ressaltar que, a grande maioria dos primeiros moradores da cidade eram de origem alemã, características essas que se preservam, em parte, até os dias atuais. [↑](#footnote-ref-2)